

SUBMISSÃO DE RESUMO PARA GT - GT 10 - EXPULSÕES, CONTENÇÕES
E CONTROLES TERRITORIAIS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO

**O PROGRESSO AFOGOU A GENTE: DESENVOLVIMENTO,
DESLOCAMENTO FORÇADO E RESISTÊNCIA EM ITAPARICA-PE**

Ana Carolina Jatobá De Souza (anacaxiado1@gmail.com)

Este trabalho analisa os conflitos socioambientais e as violações de direitos decorrentes da implantação da hidrelétrica de Itaparica (PE) , atual Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga, na década de 1970, entendendo-a como um projeto paradigmático do ideário desenvolvimentista. Objetiva-se demonstrar como sua execução pela CHESF e empreiteiras como a Hidroservice e Mendes Júnior ao promover a commoditização do rio São Francisco, gerou uma violenta reordenação territorial. Esta se materializou num acampamento de obra hierarquizado e numa “cidade livre” marginalizada, desencadeando graves conflitos por terra e indenização. A metodologia associa análise documental a uma etnografia familiar, tomando a casa, à maneira de Damásio (2022), como campo etnográfico denso onde história, memória e afeto se articulam. Minha posição como neta de José Antônio (Rubinho), um dos construtores, não é um viés, mas a condição para acessar as camadas íntimas do conflito. Essa perspectiva permite uma crítica às narrativas oficiais do desenvolvimento a partir do trabalho de memória e da transmissão geracional que inscrevem o símbolo no território do parentesco. Os resultados detalham como a lógica do projeto, ao tratar o território como recurso, promoveu o deslocamento forçado de populações cuja terra detinha significados profundos, oferecendo em troca um sistema de indenizações falho e seletivo. Paradoxalmente, o

empreendimento utilizou-se da mão de obra dessas mesmas famílias deslocadas, atraídas pela promessa de “progresso”, enquanto desconsiderava suas territorialidades e suprimia modos de vida. A discussão, situada no debate sobre conflitos ambientais, interpreta a construção do monumento “Paz” no morro — idealizado e erguido pelo topógrafo Jaime Lima e por meu avô, Rubinho, então jovem auxiliar de topografia e indígena Pankará — como um ato de resistência material e simbólica que explicita a contradição central do capitaloceno na região. Mais do que um marco religioso, o símbolo emerge como denúncia direta da violência do desenvolvimento. Sua construção, no entanto, foi marcada pelo anonimato: no início os próprios construtores não reivindicaram a autoria, possivelmente por medo das tensões no ápice do conflito. Esse silêncio é, ele próprio, um dado etnográfico do clima de intimidação. Os achados evidenciam que o monumento se constitui, portanto, em um potente registro etnográfico da resistência, no qual a inscrição da palavra “Paz” na paisagem transformada pelo conflito documenta criticamente a agência de corpos e comunidades tradicionais frente aos processos hegemônicos de desterritorialização, exploração e violação de direitos.

Palavras-chave: desterritorialização; resistência; hidrelétrica de Itaparica ; etnografia familiar; desenvolvimentismo ; violação de direitos.